

A organização da violência em *O asno de ouro*, de Apuleio

The organization of violence in Apuleius' *The Golden Ass*

VINÍCIUS MEDEIROS DOS SANTOS / CLÁUDIO AQUATI¹ (Universidade Estadual Paulista – Brasil)

Abstract: In this article, we present a reflection on the typology of violence expressed in *The Golden Ass*, by Apuleius. We give special importance to the means by which this phenomenon is organized, namely, distributing itself, on the one hand, around the main story and the inserted tales, and, on the other hand, distributing itself by the structural, thematic and phenotypic levels. With this purpose, we seek to point out how similar types of individual violent actions can hold sometimes interpretive readings with different meanings.

Keywords: *The Golden Ass*; Apuleius; violence.

Introdução

Em *O asno de ouro*², de Apuleio, romance antigo romano escrito no terceiro quartel do século II d.C., o fenômeno da violência estampa-se com ampla diversidade e com múltiplos sentidos propostos por meio de um mesmo tipo de ação violenta que se repete ao longo da trama. Apesar dessa persistência, por intermédio da sentença “*Lector intende: laetaberis*”³ (Apul. *Met.* 1.1.6), a voz narrativa informa explícita e verbalmente ao leitor que seu contato com a obra será agradável e prazeroso.

Por exemplo, um assassinato pode ser compreendido tanto como uma reação inesperada frente a uma invasão violenta e concreta (Apul. *Met.* 4.12) quanto como uma resposta urgente ante um perigo violento, mas fictício (Apul. *Met.* 2.32). Nesse sentido, compreenderemos melhor os possíveis significados desse fenômeno em *O asno de ouro* se destacamos a organização da expressão da violência que vislumbramos no texto apuleiano.

É importante previamente ressaltarmos que esta análise interpretativa não busca recomendar tipologias unas e estáticas, considerando os fenômenos violentos como elementos literários facilmente classificáveis, como es-

Texto recebido em 10.08.2021 e aceite para publicação em 12.01.2022.

¹ vinicius_medeiros2@hotmail.com (Bolsista da FAPESP) / claudio.aquati@unesp.br.

² Os trechos da obra citados em português são tomados à tradução de Sandra Braga BIANCHET (APULEIO, 2020).

³ *Leitor, segure firme: você estará em companhia de encanto e prazer!* (Apuleio, 2020, p. 18).

tivéssemos numa vertente positivista da linguagem — embora façamos uso de noções conceituais adotadas já desde SAUSSURE (2006), se nos lembramos das questões sobre eixos paradigmático e sintagmático. Antes, esperamos aqui justamente desvelar a ambiguidade da expressão da violência em *O asno de ouro*, e que sua composição pode apresentar variados tons semânticos encerrados em um único evento violento.

Apesar dos vários tipos de violência que se verificam em *O asno de ouro*, podemos apontar, de maneira panorâmica, que ela se estrutura por intermédio da intersecção de dois conjuntos, a saber, (a) o da história principal e os das histórias intercaladas, e (b) o conjunto cujos elementos se organizam em torno de três níveis, quais sejam, o estrutural, o temático e o fenotípico.

Um olhar sobre *O asno de ouro* e suas violências

Assim como uma interpretação consistente de outros elementos literários presentes em *O asno de ouro* — desde a inexatidão acerca de qual seja o título primeiro da obra WINKLER (1991), SHUMATE (1999), passando pela incerta originalidade de sua história MASON (1978), ANDERSON (1984), SANDY (1999), pelo emblemático *Prólogo* apuleiano BITEL (2001), DOWDEN (2001), SANTOS (2020) e por sua específica linguagem TATUM (1979), até sua discutível conclusão SHUMATE (1996), HARRISON (2013) — só se atinge por meio de uma análise complexa, um estudo acerca da tipologia da violência também não permite uma classificação simples QUIROGA (2007), SANTOS (2020b), SANTOS (2020c), uma vez que Apuleio parece ter elaborado em sua produção literária um quadro de múltiplas ações violentas BARRANCO (2018) que mobiliza diversos níveis semânticos e interpretativos.

Diante disso, e embora seja importante um levantamento de tipos variados de ações violentas em *O asno de ouro*, esta análise busca refletir especificamente acerca dessa tipologia de maneira a evidenciar como cada fenômeno é, de modo particular, atravessado por uma multiplicidade de instâncias interpretativas. Dessa maneira, em vez de apontarmos os tipos de violência manifestos, catalogando-os, ocupamo-nos majoritariamente em revelar as múltiplas instâncias semânticas que devem ser acionadas a fim de melhor compreendermos cada um desses fenômenos violentos.

A narrativa de *O asno de ouro*, além de uma história principal, na qual se narram as aventuras do protagonista Lúcio, transformado em burro, é composta (e enriquecida) por variadas outras narrativas de pequena e média extensão⁴, que se desenrolam como diversas histórias secundárias — para WINKLER (1991) ou SHUMATE (1999), histórias intercaladas — segundo as peripécias de várias outras personagens. Acresce que essas histórias são autônomas em relação aos sucessos e aos fracassos de Lúcio.

Num primeiro momento, com base na própria composição literária, já podemos sugerir que um dos conjuntos que compõem a narrativa é constituído da história principal e das histórias intercaladas. Como já bem apontava SAUSSURE (2006) 143, quando reflete sobre o contraste entre paradigma e sintagma,

vê-se que essas coordenações são de uma espécie bem diferente das primeiras [sintagmas]. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-las-emos relações associativas.

Por meio dessa concepção, já reconhecemos o primeiro recorte que atravessa os fenômenos violentos, o de modo vertical, o que é muito importante para uma análise da tipologia da violência porque, para além das evidentes significações inerentes à história principal e às histórias intercaladas HAIGHT (1927), PAARDT (1978), HARRISON (2013), reconhecemos ser essencial a localização textual de um evento violento no todo composicional, cujos sentidos podem sofrer alterações a depender de qual conjunto ele faça parte.

É evidente que o tema da metamorfose animal como indicativo de violência desencadeadora de sofrimentos físicos e de castigos emocionais é recorrente nesse texto literário. Todavia, o seu desenvolvimento na história principal claramente não apresenta o mesmo significado de quando esse mesmo tema está presente nas histórias intercaladas.

Na história principal, por um lado, a metamorfose do protagonista Lúcio em burro (Apul. *Met.* 3.24) é o registro violento mais proeminente em *O asno de ouro*, não só pelas completas e complexas alterações físicas e psicológicas provocadas, mas, também, pela exposição a agressões (Apul. *Met.* 4.3)

⁴ Vale lembrar, contudo, que uma das histórias intercaladas, “Cupido e Psíquê”, não tendo a natureza milésia das demais, conta com uma extensão consideravelmente maior.

e a sofrimentos (Apul. *Met.* 3.26) que essa forma animal suscita contra Lúcio, para além de movimentar a trama como um todo. Por outro lado, nas histórias intercaladas, a imposição de uma nova forma animal ao amante, ao dono do prostíbulo e ao advogado — os desafetos da bruxa Méroe — respectivamente em castor, rã e carneiro (Apul. *Met.* 1.9), para além de suas manifestações episódicas, exercem significado, relevância e duração bem diferentes daquelas expressas por meio da forma Lúcio-burro.

Parece-nos pouco produtivo propor uma tipologia da violência em que não se considerem esses conjuntos, uma vez que um mesmo tipo de força violenta — a metamorfose animal, por exemplo — proporciona variações de sentido e resultados narrativos distintos, sob o risco de chegarmos a uma classificação muito abrangente dos tipos violentos, e escapem nuances características e particulares tanto da história principal quanto das histórias intercaladas.

E se, por um lado, aparentemente resolvemos aqui um dos problemas que dificultam a tentativa de interpretação tipológica da violência, por outro lado, já podemos nos deparar com mais uma especificidade imposta pelo próprio texto apuleiano: quando a manifestação de eventos extremamente violentos aponta diretamente para uma interpretação muito específica, qual seja, a do estímulo da satisfação, da promoção da sensação de prazer, da violência enquanto entretenimento, como deles fruir, considerando-os no interior de um estudo tipológico?

Afinal, essa indicação não só é por diversas vezes verbalmente indicada no todo textual — segundo veremos na sequência —, mas também ela se materializa como uma relevante intenção narrativa já sugerida desde o “Prólogo” de *O asno de ouro* por intermédio sobretudo da sentença *Lector intende: laetaberis*⁵.

⁵ Vale ressaltar que há um contraste/oposição interno na expressão “*lector intende, laetaberis*”. Isto é, não é apenas o que entendemos desse discurso, mas a própria expressão já é um ícone do que ela quer dizer. *Intende* sugere tensão; *laetaberis*, distensão. Essa oposição aponta para que se e somente se o leitor prestar muita atenção é que ele vai se divertir, isto é, a diversão não parte simplesmente do entretenimento que a fruição de superfície pode oferecer, mas parte da análise, da inteligência que se aplique à leitura (*lector*).

Claro está que uma interpretação de Apuleio como entretenimento não deve ser desconsiderada, como amplas discussões desse viés demonstram MASON (1999), SMITH (2001), CARDOSO (2011). E, justamente por conter essa qualidade específica, uma leitura da expressão da violência apuleiana, como sugere SANTOS (2020), não deve ser descolada da concepção de que esse fenômeno promova também uma *laetitudo*, principalmente nas passagens que se colocam como abertamente recreativas.

No texto apuleiano deparamo-nos com muitas ações violentas, tais como o roubo, o assassinato, a invasão de propriedade, o confronto físico, a agressão psicológica, a mutilação, o espancamento, a tentativa de suicídio, o envenenamento, dentre tantos outros exemplos. Quando isso se dá — como é o caso das histórias intercaladas de Aristômenes (Apul. *Met.* 1.5) e de Telifrão (Apul. *Met.* 2.21) — precisamos, embora de modo relativo e de maneira ainda que parcial, considerar esses atos violentos como agradáveis e prazerosos, por mais paradoxais que assim eles sejam apresentados.

A princípio, para que se solucionasse essa complexidade apuleiana, poder-se-ia apontar ser bastante considerar que as múltiplas violências causadoras de satisfação seriam provavelmente aquelas presentes no desenrolar das histórias intercaladas, reflexos talvez da célebre *curiositas* de Lúcio, como as de Aristômenes e de Telifrão, enquanto as violências *não-prazerosas* praticadas — ou seja, as que não têm a finalidade de promover uma *laetitudo* — estariam encerradas na história principal de Lúcio.

No entanto, além dessa interpretação analítica apresentar-se como uma leitura demasiado inocente, e até mesmo incompatível com a pluralidade significativa de *O asno de ouro*, ela mostra-se falha, pois tal divisão não se justifica e atos violentos terríveis podem, sim, ser presenciados nas histórias intercaladas, sem expressões narrativas de que pretendessem promover algum tipo de satisfação para o leitor/Lúcio⁶, como aquelas narradas na caverna pelos bandidos que integram a quadrilha que raptou Lúcio-burro (Apul. *Met.* 4.9-12). E não há dúvidas de que também, noutras vezes, a história principal também é suporte para a manifestação da violência como uma *laetitudo*, como

⁶ Entendemos o Lúcio aqui em sua dimensão de receptor dessas histórias, e não exatamente como a do narrador da narrativa principal.

aquelas praticadas durante as festividades em homenagem ao deus Riso (Apul. *Met.* 2.31-32) e já discutidas por SANTOS (2020c).

De modo a favorecer uma solução mais adequada a essa complexidade, numa atitude interpretativa que venha a comportar uma concepção de expressão da violência como também indicativa de um *laetaberis*, precisamos acionar os níveis estrutural, temático e fenotípico a fim de apontarmos como as expressões violentas, ainda que semelhantes, presentes ou não no interior de um único conjunto textual, podem contrastar semanticamente entre si.

Como já ensinava SAUSSURE (2006) 142, quando refletia sobre a especificidade de um sintagma,

[...] no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo [...]. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas.

Precisamos, porém, salientar antes de tudo que, evidentemente, são muito subjetivos os motivos pelos quais uma expressão violenta satisfaça a um leitor de *O asno de ouro*. Desse modo, essa interpretação tipológica da violência enquanto uma possível promotora de sentimento de satisfação é baseada *ipsis litteris* na intencionalidade narrativa de quem narra essas violências, ou mesmo de quem as presencia, seja na história principal, seja nas histórias intercaladas.

Determinados atos violentos desfrutam de matizes recreativos ao menos em algum substrato semântico de sua composição. Como mencionamos anteriormente, as histórias de Aristômenes e Telifrão são marcadas por tons de extrema violência, mas, apesar disso, ou em razão disso, há expressões narrativas que consideram essas mesmas violências *prazerosas*, tais como se lê respectivamente em

Nem pense nisso! Compartilhem comigo essa conversa interessante – não que eu seja curioso, mas é que eu gosto de saber senão de tudo, pelo menos do máximo que conseguir; além do mais, o prazer proporcionado por histórias encantadoras [de Aristômenes] aliviará a dificuldade do monte que estamos subindo⁷.

⁷ *Isto accepto sititor alioquin nouitatis: "Immo uero" inquam "impertite sermone non quidem curiosum sed qui uelim scire uel cuncta uel certe plurima; simul iugi quod insurgimos aspritudinem fabularum lepida iucunditas leuigabit."* (Apul. *Met.* 1.2).

e em

*Nem pense nisso, meu amigo Télifron! Fique um pouco mais e compartilhe conosco uma vez mais aquela sua famosa história, daquele jeito espirituoso que só você sabe... Permita que Lúcio, meu querido afilhado, usufrua da deliciosa experiência de acompanhar sua narrativa encantadora*⁸.

Parece-nos que essas passagens são pertinentes para exemplificar bem essa distorção do efeito primeiro esperado de um ato violento, uma vez que esse fenômeno promove sentimento aparentemente inesperado por meio dessas ações na narrativa, isto é, uma sensação de *satisfação*.

Não podemos nos esquecer, todavia, de que também há diversos trechos que mostram fenômenos violentos (ações diretamente prejudiciais e agressivas, enquanto uma força que desorganiza a ordem social vigente ou que afeta o outro MICHAUD (1989), como quando Lúcio presencia o ato violento de Píteas contra o vendedor de peixes no mercado, segundo se verifica, na história principal, em

*ele [Píteas], então, espalhou tudo que estava no cesto no meio do fórum e ordenou que seu assistente pisasse nos peixes até fazer picadinho de todos eles*⁹,

e quando o narrador indica indiretamente, numa história intercalada, que os filhos de um proprietário tiveram uma sorte terrível, como se lê em

*todos estavam ainda entorpecidos, na expectativa e com medo de que as coisas mais terríveis pudessem acontecer quando um certo escravo jovem veio correndo até seu senhor, para lhe contar as grandes e terríveis desgraças ocorridas em sua propriedade*¹⁰.

Desse modo, quando observamos suas expressões, a violência em *O asno de ouro* não parece ser *simplificada*, mas, pelo contrário, parece ser *ramificada*, pois aponta para duas direções de sentido opostas, com os eventos violentos distribuindo-se dir-se-ia proporcionalmente entre uma *violência-uiolentia*, isto

⁸ *Qui cunctorum obstinatione confusus indigna murmurabundus cum uellet exsurgere, "Immo mi Thelyphron," Byrrhena inquit "et subsiste paulisper et more tuae urbanitatis fabulam illam tuam remetire, ut et filius meus iste Lucius lepidi sermonis tui perfruaturs comitate."* (Apul. Met. 2.20).

⁹ *et profusa in medium sportula iubet officialem suum insuper pisces inscendere ac pedibus suis totos obtinere.* (Apul. Met. 1.25).

¹⁰ *Adhoc omnibus exspectatione taeterrimae formidinis torpidis accurrit quidam seruulus magnas et postremas domino illi fundorum clades adnuntians.* (Apul. Met. 9.35).

é, a violência entendida de maneira geral como uma ação não somente ilegal, com cerceamento da justiça, do direito (humano ou divino), como também arbitrária e exercida mediante coação, opressão e brutalidade, de empregar intimidação física ou moral contra um indivíduo de forma gratuita ou ainda para constrangê-lo ou obrigá-lo a submeter-se à vontade de algum outro indivíduo, e uma *violência-laetaberis*, isto é, violência promotora de satisfação. Dessa maneira, podemos observar que se constitui uma clara oposição de sentidos no nível estrutural, o mais alto desse recorte, haver uma *violência-uolentia* contrastando com uma *violência-laetaberis*.

E se, nesse recorte horizontal semântico, a violência é assim organizada e distribuída no decorrer de *O asno de ouro*, a partir dessa dicotomia *uolentia-laetaberis* podemos então estabelecer, ainda, um traço mínimo de distinção. A violência, como estabelece BLACK (2015), enquanto uma força concreta que afeta, por meio de ataques ou ameaças, pessoas ou propriedades é o que entendemos resumidamente como *uolentia*. Porém, *laetaberis* dela se distingue por manter essa mesma concepção semântica combinando-a com um sema recreativo, expresso verbalmente por meio de indicação a partir de observações de quem narra ou vê as ações violentas. Portanto, *uolentia* compreende-se como um evento não-marcado textual e semanticamente, enquanto *laetaberis* é um evento marcado. Assim, se, a princípio, toda violência em *O asno de ouro* é uma força transgressiva MICHAUD (1989), isso não significa, no entanto, que todas sejam, a um só tempo, além de transgressivas, também recreativas. Assim, quando aludimos a essa dicotomização presente no nível macro do texto apuleiano, podemos compreender, por conseguinte, a *uolentia* — como violência não marcada, disfórica — e *laetaberis* — como violência marcada, eufórica.

Por meio dessa leitura tipológica, há uma diminuição da perda de sentidos dos fenômenos violentos, pois, concebendo a violência em suas variantes, conforme indicadas no próprio texto literário, podemos revelar, com mais precisão, as nuances significativas presentes num ato violento presente nesse romance antigo.

Desse modo, por exemplo, quando cotejamos, a partir dos princípios teóricos apresentados até aqui, o processo de mutilação física sofrido tanto pelo inocente Telifrão, convidado de Birrena, uma amiga da mãe do protagonista

Lúcio, quanto por um pobre burro, companheiro animal de Lúcio-burro, podemos averiguar que existem distinções entre eles, embora se trate de um mesmo tipo de ato violento. Por um lado, quando conferimos que uma agressão ocorre na história principal — a do burro mutilado (Apul. *Met.* 4.5) — servindo de exemplo direto contra o plano de fuga imediato de Lúcio-burro, enquanto a outra é praticada na história intercalada — a de Telifrão (Apul. *Met.* 2.21) —, configurando-se como um alerta para quem vai de encontro aos poderes sobrenaturais. Por outro lado, considerando-se o eixo sintagmático apuleiano, verifica-se que a história do burro configura-se no nível de *uiolentia*, e provoca uma *violência-uiolentia*, e que de Telifrão-sem-orelhas-e-nariz, localiza-se no nível de *laetaberis*, e proporciona uma *violência-laetaberis*.

Na direção da análise desse mesmo exemplo da mutilação, podemos apontar ainda que eles diferem entre si não somente no nível estrutural, que sempre se revela dicotomicamente, como já vimos, mas também no nível temático, cujas variações são múltiplas¹¹. Contra o burro, aquele companheiro animal de Lúcio-burro, executa-se uma mutilação por meio de uma ação punitiva, como se lê em

*Por fim, já cansados, eles perderam as últimas esperanças e, depois de conversarem e trocarem algumas ideias, resolveram não atrasar mais a fuga, pois burro morto é burro posto – ou seja, era como carga extra de pedra. Então, eles distribuíram a bagagem dele [do burro] entre mim e o cavalo, pegaram a espada e amputaram todos os jarretes dele. Pouco depois, tiraram-no do meio do caminho e o empurraram daquela altura, precipício abaixo, ainda respirando, na direção de um vale próximo*¹².

¹¹ No nível temático, como o próprio termo acusa, apresentam-se os temas de violência exercidos em *O asno de ouro*, a partir dos pressupostos de LEÃO (2014). Justamente em razão da ampla variedade de instâncias violentas apresentadas na narrativa, há vários tipos de temas violentos que podem ser classificados nesse nível, tais como ritualística, performativa, emotiva, autoinfligida, para ficarmos somente com alguns poucos exemplos. Note-se que no próximo nível de análise que logo abordaremos, o fenotípico, também se observa uma variedade de tipos de ações violentas. Reitera-se e esclarece-se, portanto, que somente o nível estrutural é bipartido, em razão de sua relação direta com as instruções narrativas e expressões verbalmente presentes no texto apuleiano, marcados consequentemente pela *uiolentia* e *laetaberis*.

¹² *quoad tandem postumae spei fatigati secumque conlocuti, ne tam diu mortuo immo uero lapideo asino seruiantes fugam morarentur, sarcinis eius mihi equoque distributis destructo gladio poplites eius totos amputant, ac paululum a uia retractum per altissimum praeceps in uallem proximam etiam nunc spirantem praecipitant.* (Apul. *Met.* 4.5).

Já contra Telifrão, opera-se uma mutilação por meio de uma força sobrenatural, como se verifica em

Mas — e ninguém contava com esta — o vivo que lá estava igual a morto, por causa da névoa soporífera, este indivíduo aqui, tem o mesmo nome que eu e, por isso, levantou-se, sem saber de nada, ao ouvir o chamado; saiu andando, livre e espontaneamente, como sombra de desalmado; e, então, com as portas do quartinho cuidadosamente trancadas, elas cortaram fora, com uma abertura qualquer, primeiro o nariz e, logo depois, as orelhas — dele, que fez as vezes de morto, e levou a mutilação em meu lugar¹³.

Assim, esse burro e Telifrão sofrem em razão da maldade de seus algozes, mas o sofrimento do animal foi mais intenso, pois, além da brutalidade a que tinha sido submetido, fora o burro, além disso, assassinado. Todavia, as nuances significativas observadas nesses excertos podem se perder se não as investigamos sob o critério de uma análise que contraponha *uiolentia* e *laetaberis*.

E, se aprofundamos essa análise, isto é, se partimos para o terceiro e último nível do texto apuleiano, o nível fenotípico, as diferenciações interpretativas ainda podem ser observadas.

A fim de melhor exemplificar esse último nível de análise e mais claramente apresentarmos essa nossa perspectiva de reflexão, selecionamos, no interior da história principal de *O asno de ouro*, as passagens da violência sofrida pelo trabalhador rural agredido por um soldado (Apul. *Met.* 9.34) e a passagem da violência que mostra a realidade social dos trabalhadores escravizados de Caridade (Apul. *Met.* 8.1), as quais compartilham de mesmos estratos semânticos nos primeiros níveis, o estrutural e o temático, e se diferenciam unicamente no último nível, o fenotípico.

Enquanto esteve em sua forma quadrúpede, Lúcio permaneceu à mercê diversos donos, dentre os quais figurou aquele que o comprara num leilão, um hortelão, trabalhador rural contra o qual se exerce violência. Este, quando certo dia retornava com o animal para onde habitava, sofre uma tentativa de roubo cometida por um soldado romano, o qual procurava subtrair-lhe o burro, como se lê em

¹³ <At> hic utpote uiuus quidem sed tantum sopore mortuus, quod eodem mecum uocabulo nuncupatur, ad suum nomen ignarus exurgit, et in exanimis umbrae modum ultroneus gradiens, quamquam foribus cubiculi diligenter obclusis, per quoddam foramen prosectis naso prius ac mox auribus uicariam pro me lanienam sustinuit. (Apul. *Met.* 2.30.4.).

O regresso, porém, pelo menos para ele, não aconteceu sem prejuízos e danos, pois um certo sujeito de estatura elevada, que, conforme indicava sua maneira de ser e de estar, era soldado de uma legião, ao dar de frente conosco, perguntou, falando com soberba e arrogância, para onde ele estava conduzindo um burro sem carga. [...] O soldado, porém, não conseguiu conter a insolência habitual e, indignado com o silêncio de meu dono, que tomou por um insulto, bateu nele com a vara de videira que tinha na mão e o derrubou de meu lombo. [...] O hortelão respondeu que estava se dirigindo a uma cidade das redondezas. Então, ele disse:

— Mas eu preciso dele para um serviço. Ele deve transportar, com outros jumentos, as bagagens de nosso chefe, que estão num povoado das redondezas. [...] Imediatamente, ele meteu a mão na correia, por meio da qual eu estava sendo conduzido, e começou a me arrastar com violência. O hortelão, enquanto limpava o sangue que escorreu de sua cabeça depois da ferida provocada pela pancada anterior, uma vez mais implorou ao companheiro que alterasse seus modos e se comportasse de maneira mais civilizada e tranquila, e ainda suplicava isso, jurando pela expectativa de sucesso do outro¹⁴.

Já quanto à realidade social dos trabalhadores escravizados de Caridade, quando estes descobriram o triste destino de sua patroa, eles fugiram para longe, ante a incerteza do futuro e o medo que tinham de serem arrestandos por um novo dono, como se verifica em

Quando o galo cantou de madrugada, chegou um rapaz, vindo da cidade vizinha, que me pareceu, de fato, ser um dos escravos de Cáríte, a mocinha que tinha suportado comigo as mesmas tribulações no covil dos ladrões. Ele se sentou junto ao fogo, com muitos outros servos como ele a sua volta, e fez um relato surpreendente, terrível, sobre a morte dela e o infortúnio que se abateu sobre toda a casa. Foram esses os fatos que ele relatou, em meio a longos suspiros e algumas lágrimas, aos camponeses, que ficaram profundamente impressionados. Eles, então, apreensivos em relação à novidade da mudança de dono e profundamente angustiados com o infortúnio ocorrido na casa de seus senhores, concordaram que o melhor a fazer era fugir¹⁵.

¹⁴ *Nec innoxius ei saltem regressus euenit. Nam quidam procerus et, ut indicabat habitus at que habitudo, miles e legione, factus nobis obuius, superbo atque adroganti sermone percontatur, quorsum uacuum duceret asinum? At meus, adhuc maerore permixtus et alias Latini sermonis ignarus, tacitus praeteribat. Nec miles ille familiarem cohibere quiuit insolentiam, sed indignatus silentio eius ut conuicio, uiti quam tenebat obtundens eum dorso meo proturbat. [...] Respondit hortulanus petere se ciuitatem proximam. "Sed mihi" inquit "opera eius opus est; nam de proximo castello sarcinas praesidis nostri cum ceteris iumentis debet aduehere"; et iniecta statim manu loro me, quo ducebar, arreptum incipit trahere. Sed hortulanus prioris plagae uulnere prolapsus capite sanguinem detergens rursus deprecatur ciuilius atque mansuetius uersari commilitonem idque per spes prosperas eius orabat adiurans. (Apul. Met. 9.39).*

¹⁵ *Noctis gallicinio uenit quidam iuuenis e proxima ciuitate, ut quidem mihi uidebatur, unus ex famulis Charites, puellae illius, quae mecum apud latrones pares aerumnas exanclauerat. Is de eius exitio*

Em ambos os acontecimentos, o do trabalhador rural e o dos trabalhadores escravizados, a violência opera em nível estrutural no âmbito da *violentia*.

Em relação ao âmbito temático, há a manifestação de uma violência socio-política. Na passagem do hortelão, o soldado utiliza-se de sua posição privilegiada de militar romano em terra grega para roubar o objeto de posse e direito do hortelão, simplesmente porque assim o desejava, enquanto na passagem dos trabalhadores de Caridade, observamos a condição desses sujeitos escravizados, situação bastante comum nas sociedades da Antiguidade VASCONCELOS (2012).

Por fim, no âmbito fenotípico, por um lado, a violência contra o hortelão evidencia-se pela agressão física, por meio da brutalidade do soldado; já, por outro lado, contra os escravizados opera uma violência latente, isto é, embora nesses trechos os trabalhadores não *sofram* nenhuma agressão aparente, eles *vivenciam* esse fenômeno violento constantemente em razão de seu estado social, sujeitos marginalizados e presos a uma condição de objeto, de coisa, de *res Mancipi* SUÁREZ (2004), QUIROGA (2007).

Considerações finais

Neste artigo, buscamos descrever como se processam os conjuntos textuais apuleianos, história principal e histórias intercaladas, que estabelecem relações bastante relevantes e reveladoras para uma análise tipológica da violência. Com esse intuito, buscamos apontar como tipos análogos de ações violentas individuais podem encerrar, por vezes, leituras interpretativas com significados distintos, uma vez que elas são atravessadas por estruturas semânticas presentes em *O asno de ouro*, como os da história principal e das histórias intercaladas, às quais se alude por intermédio da expressão narrativa verbalmente indicada no *Prólogo* apuleiano, a sentença *Lector intende: laetaberis*, cuja significação contribui para uma leitura plurissignificativa da violência, passando pelos níveis estrutural, temático e fenotípico.

et domus totius infortunio mira ac nefanda, ignem propter adsidens, inter conseruorum frequentiam sic amuntiabat [...] (Apul. Met. 8.1).

Haec ille longos trahens suspiritus et nonnumquam inlacrimans grauiter adfectis rusticis annuntiabat. Tunc illi mutati domini nouitatem metuentes et infortunium domus erilis altius miserantes fugere comparant. (Apul. Met. 8.15).

Referências

- ANDERSON, G. (1984), *Ancient Fiction – The Novel in the Graeco-Roman World*. Sydney, Croom Helm Ltd.
- APULEE (1965), *Les Métamorphoses*. Texte établi et introd. par D. ROBERTSON et traduit par P. VALLETTE. Paris, Les Belles Lettres.
- APULEIO (2020), *As metamorfoses de um burro de ouro*. Trad. de Sandra Braga BIANCHET. Curitiba, Appris.
- BARRANCO, J. L. U. (2018), “El Asno de Oro: Un reflejo de la sociedad romana”: *Revista Anahgramas*, nº V, (2018), 271-314.
- BITEL, A. (2001), “Fiction and History in Apuleius' Milesian Prologue”: A. KAHANE; A. LAIRD (coord.) (2001), *A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses*. Oxford, Oxford University Press, 137-151.
- BLACK, D. (2015), “Violent Structures”: M. A. ZAHN, H. H. BROWNSTEIN, S. L. JACKSON (coord.) (2015), *Violence – From Theory to Research*. London and New York, Routledge, 145-158.
- CARDOSO, Z. A. (2011), *A literatura latina*. São Paulo, WMF Martins Fontes.
- DOWDEN, K. (2001), “Prologic, Predecessors, and Prohibitions”: A. KAHANE, A. LAIRD (coord.) (2001), *A Companion to the Prologue of Apuleius' Metamorphoses*. Oxford, Oxford University Press, 123-136.
- HAIGHT, E. H. (1927), *Apuleius and his influence*. New York, Longman/Green and Co.
- HARRISON, S. J. (2013), *Framing the Ass: Literary Texture in Apuleius' Metamorphoses*. Oxford, Oxford University Press.
- LEÃO, D. “Tipologia da violência em Petrónio: crime, punição e autopunição”: F. OLIVEIRA, M. F. SILVA, T. V. R. BARBOSA (coord.) (2014), *Violência e transgressão – uma trajetória da Humanidade*, Coimbra, 241-264.
- MASON, H. J. (1978), “Fabula Graecanica: Apuleius and his Greek Sources”: B. L. Jr. HIJMAN, R. T. V. PAARDT (coord.) (1978), *Aspects of Apuleius' Golden Ass*. Groningen, Bouma's Boekhuis B. V., 1-16.
- MASON, H. J. (1999), “The Metamorphoses of Apuleius and its Greek sources”: H. HOFMANN (coord.) (1999), *Latin Fiction*. London, Routledge, 103-112.
- MICHAUD, Y. (1989), *A Violência*. Trad. L. GARCIA. São Paulo, Editora Ática.
- PAARDT, R. T. (1978), “Various aspects of narrative technique in Apuleius' Metamorphoses”: B. L. Jr. HIJMAN, R. T. V. PAARDT (coord.) (1978), *Aspects of Apuleius' Golden Ass*. Groningen, Bouma's Boekhuis B. V., 75-94.

- QUIROGA, L. B. (2007), “Violencia servil en las Metamorfosis de Apuleyo”: *Studia Historica. Historia Antigua*, 25, (2007), 305-313.
- SANDY, G. N. (1999), “Apuleius’ Golden Ass: from Miletus to Egypt”: H. HOFMANN. (coord.) (1999), *Latin fiction: The Latin novel in context*. London, Routledge, 68-86.
- SANTOS, V. M. (2020), “Entre laetaberis e violentia: algumas reflexões sobre o Prólogo apuleiano”: *Revista Macabéa*, v. 9, nº 4, (2020), 867-879.
- SANTOS, V. M. (2020b), “Violência em O asno de ouro, de Apuleio: a revelação discursivo-literária da figura do escravo de Lúcio”: *Revista Versalete*, Curitiba, V. 8, nº 15, (2020), 119-136.
- SANTOS, V. M. (2020c), “A instância da violência em O asno de ouro: compreendendo a celebração do deus Riso”: *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 9, n. 3, (2020), 696-718.
- SAUSSURE, F. (2006), *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio CHELINI, José Paulo PAES e Izidoro BLIKSTEIN. São Paulo, Cultrix.
- SHUMATE, N. (1996), *Crisis and conversion in Apuleius’ Metamorphoses*. Ann Arbor, The University of Michigan Press.
- SHUMATE, N. (1999), “Apuleius’ Metamorphoses: the inserted tales”: H. HOFMANN (coord.) (1999), *Latin Fiction*. London, Routledge, 113-125.
- SMITH, W. S. (2001), “Apuleius and Luke: Prologue and Epilogue in Conversion Contexts”: A. KAHANE, A. LAIRD (coord) (2001), *A Companion to the Prologue of Apuleius’ Metamorphoses*. Oxford, Oxford University Press, 88-98.
- SUÁREZ, M. A. (2004), “Nota a Cxrcvlio IV 2. El Tópico del Mancipivm: del Dominvs a Las Dramatis Personae”: *Revista Phaos*. (4), (2004), 119-127.
- TATUM, J. (1979), *Apuleius and The Golden Ass*. London, Cornell University Press.
- VASCONCELOS, B. A. (2012), “O escravo como coisa e o escravo como animal: da Roma antiga ao Brasil contemporâneo”: *Revista UFG*, Ano XIII, n. 12, (2012), 137-153.
- WINKLER, J. J. (1991), *A Narratological Reading of Apuleius’s Golden Ass*. Berkeley and Los Angeles, University of California Press.

* * * * *

Resumo: Neste artigo, apresentamos uma reflexão acerca da tipologia da violência expressa em *O asno de ouro*, de Apuleio. Damos especial relevo aos meios por meio dos quais esse fenômeno se organiza, a saber, distribuindo-se, por um lado, em torno da história principal e das histórias intercaladas, e, por outro, distribuindo-se pelos níveis estrutural, temático e fenotípico. Com esse intuito, buscamos apontar como tipos análogos de ações violentas individuais podem encerrar, por vezes, leituras interpretativas com significados distintos.

Palavras-chave: *O asno de ouro*; Apuleio; violência.

Resumen: En este artículo, presentamos una reflexión sobre la tipología de la violencia expresada en *El asno de oro*, de Apuleyo. Damos especial relevancia al modo en que se organiza este fenómeno, es decir, distribuido, por un lado, en torno al relato principal y a los relatos intercalados, y, por otro lado, distribuido en los niveles estructural, temático y fenotípico. Con este propósito, pretendemos señalar cómo tipos análogos de acciones violentas individuales pueden encerrar, a veces, lecturas interpretativas con significados diferentes.

Palabras clave: *El asno de oro*; Apuleyo; violencia.

Résumé : Dans cet article, nous présentons une réflexion sur la typologie de la violence exprimée dans *L'âne d'or* d'Apulée. Nous accordons une importance particulière aux moyens par lesquels ce phénomène s'organise d'une part, autour de l'histoire principale et des histoires intercalées et, d'autre part, à travers les niveaux structurel, thématique et phénotypique. Dans ce but, nous cherchons à montrer comment des types analogues d'actions violentes individuelles peuvent parfois faire l'objet de lectures interprétatives distinctes.

Mots-clés : *L'âne d'or* ; Apulée ; violence.